Produtos orgânicos: uma tendência para o futuro?

ELIANA CONDE BARROSO LEITE VIGLIO

O mercado de alimentos na União Européia movimenta cerca de US$40 bilhões anuais. Destes, 7%, ou seja, US$2,8 bilhões, referem-se a produtos diferenciados, que possuam atributos especiais ou qualidade superior. No Brasil, o mercado para produtos orgânicos vem crescendo 10% a.a., desde 1990.

"O mercado existe. Tudo o que se oferece é vendido", afirma um engenheiro agrônomo, descrevendo o que se passa na gôndola de produtos orgânicos em um supermercado uruguaio.

Mas o que é um produto orgânico? O estabelecimento de critérios rigorosos na determinação de um sistema cultural orgânico se faz necessário na medida em que a demanda desse tipo de produto cresce a taxas elevadas, com promissoras perspectivas comerciais. Certamente isso exigirá normas de produção biológica interna parecidas com aquelas vigentes na União Européia e nos EUA, potenciais importadores de mercado orgânico fortemente consolidado, bem como um sistema próprio de certificação com critérios de produção claramente estabelecidos.

O recrudescimento do debate sobre a questão ambiental nos últimos anos estimulou os cientistas a pesquisarem os métodos orgânicos empíricos de produção com o objetivo de desfazer mitos e discussões, muito acaloradas na década de 80, quando contrapunham quase passionalmente os defensores da chamada agricultura convencional aos apologistas da agricultura orgânica.

Em 1984, o respeitado Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA), lançou um relatório intitulado *Report and Recomendations on Organic Farming*, reconhecendo as bases científicas da agricultura orgânica e fazendo esfriar as discussões entre os grupos envolvidos.

Atualmente, o mercado para produtos orgânicos é uma realidade nos países europeus e nos EUA, onde uma sólida estrutura de certificação é capaz de garantir aos consumidores a qualidade e a idoneidade dos produtos.

O que é um produto orgânico e por que produzi-lo

A exemplo do que ocorreu com o movimento ambientalista como um todo, o fortalecimento da agricultura orgânica se deu a partir de organizações não-governamentais responsáveis muitas vezes pelo estabelecimento de normas técnicas de produção, sobretudo no Brasil. Em março deste ano, no entanto, o governo brasileiro reconheceu a necessidade de criar um certificado oficial para produtos cultivados sem agroquímicos, cada vez mais valorizados no exterior. Tal preocupação foi anunciada recentemente por ocasião do lançamento do Programa de Qualidade Total pelo Ministério da Agricultura, em parceria com o Sebrae, que prevê a formação de uma comissão para criar um selo de certificação como forma de incentivo à agricultura orgânica.

A Argentina já foi oficialmente reconhecida pela Comunidade Econômica Européia como exportadora de produtos orgânicos para esta região. Juntamente com outros cinco países, está habilitada a exportar produtos cujas normas oficiais de produção orgânica são compatíveis com as da União Européia. Os principais destinos da produção argentina são Alemanha, Holanda e Inglaterra, além dos EUA. Desde 1992 a Argentina adota uma regulamentação para a produção orgânica baseada nas normas internacionais da International Federation of Organic Agriculture Movements (Ifoam), organismo mundial desse movimento. Além disso, empresários e governo argentinos, atentos às possibilidades que o mercado orgânico oferece, formaram um organismo oficial, o Promex (Promoción de Exportaciones no Tradicionales), que colabora ativamente nesse setor, levando produtores e comercializadores a distintos eventos e feiras internacionais e pagando parte dos gastos.

Em *The Economics of Organic Farming*, N. H. Lampkin estabeleceu critérios básicos para uma produção ser considerada orgânica:

1. Proteger a fertilidade natural dos solos a longo prazo, através da manutenção dos níveis de matéria orgânica, estimulando a atividade biológica no solo.

2. Intervenções mecanizadas cautelosas.

3. Fornecimento de nutrientes às lavouras relativamente insolúveis (não obtidos por processos químicos), que se disponibilizem às plantas pela ação de microorganismos.

4. Buscar a auto-suficiência em nitrogênio pelo uso de leguminosas e inoculações com bactérias fixadoras de nitrogênio, bem como a efetiva reciclagem de materiais orgânicos a partir da incorporação de resíduos culturais e estercos animais.

5. Controle de pragas, doenças e ervas prioritariamente pela rotação de culturas, inimigos naturais, diversidade genética, adubações orgânicas, uso de variedades resistentes e uso limitado (de preferência mínimo) de intervenções térmicas, biológicas e químicas.

6. Buscar modos extensivos de criação animal, visando, dentro do possível, ao bem-estar das espécies exploradas.

7. Atenção especial ao impacto do sistema produtivo sobre o meio ambiente como um todo protegendo a vida selvagem existente.

Bom negócio para o pequeno produtor

Produzir alimentos orgânicos, no entanto, pode ser difícil, sobretudo em escalas maiores, que exijam insumos orgânicos muitas vezes não disponíveis (como converter a orizicultura gaúcha, por exemplo?). Por outro lado, pode representar para o pequeno produtor rural uma saída para a atual crise agrícola decorrente das condições desfavoráveis do mercado no Brasil, exposto à competição internacional sem o essencial ajuste nos fatores internos.

O mercado para o produto orgânico atinge cotações muito atraentes, compensando com boa margem um eventual aumento de custos em função de possíveis gastos com a certificação e de uma produtividade menor. Entretanto, ao contrário do que se acredita correntemente, o rendimento físico de uma lavoura orgânica pode ser, em muitos casos, até maior do que o de uma lavoura onde se utilizem insumos químicos. Alguns supermercados brasileiros citam um diferencial de até 30% sobre os produtos convencionais. Esta não poderia ser, por exemplo, a saída para os pequenos produtores sulistas de feijão, diferenciando o seu produto? O baixo grau de utilização de insumos químicos nessas lavouras facilitaria sua conversão.

Muitos não aceitam a idéia de um mercado de comportamento francamente elitista e portanto excludente, como o de produtos orgânicos, uma vez que só as classes de renda mais elevada teriam acesso a ele. Entretanto, trata-se de um produto diferenciado, ao qual está se concedendo um prêmio pela meticulosidade de produção. O próprio mecanismo natural do mercado lhe é favorável, uma vez que sua oferta é geralmente muito inferior à procura.

Auto-regulamentação mundial

As estatísticas com relação à produção orgânica mundial são bastante escassas. De acordo com o gráfico, em 1993 havia 600 mil hectares destinados a esse tipo de cultivo na Europa. Segundo Lampkins (1994), há cerca de 15 mil estabelecimentos orgânicos na Europa, em um universo total de estabelecimentos agrícolas em torno de 9 milhões.

Entretanto, os governos na Europa interessam-se em estimular esse tipo de produção. Na Bavária, por exemplo, a meta do governo é converter 25% de toda a agricultura ao sistema orgânico até o ano 2000. Na Grã-Bretanha, para esse mesmo ano, a meta é de 20%.

O mercado de alimentos na União Européia movimenta cerca de US$40 bilhões anuais. Os produtos com características particulares, tradicionais ou de qualidade superior participam com cerca de 7%, de acordo com dados do Ministério da Agricultura e Desenvolvimento Rural da França (1992).

Garantias ecológicas influenciam bastante

França — incitação na compra de produtos — em %

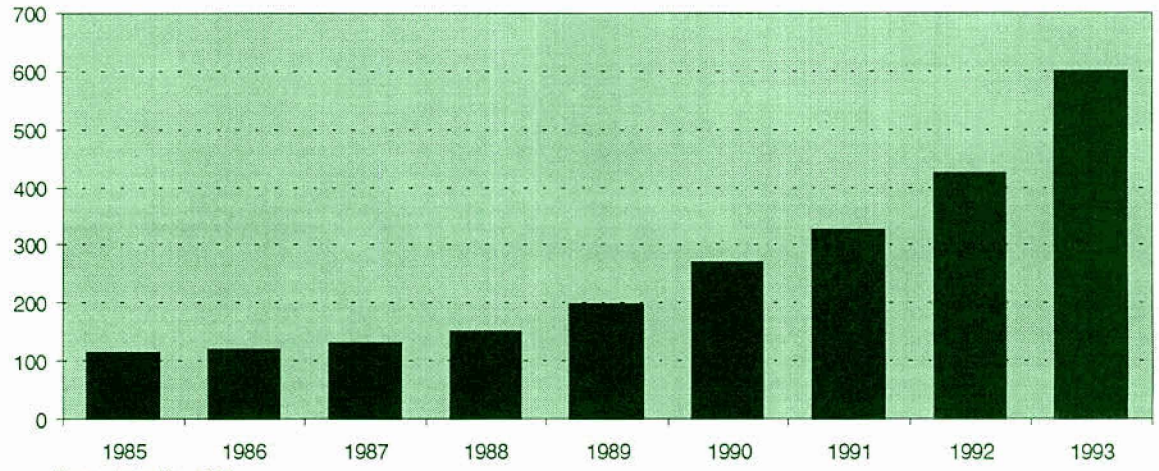
Característica	Percentual
O produto tem garantias de higiene e segurança	84
O preço é competitivo	81
O produto é fabricado na França	74
O produto porta um sinal de qualidade	71
A marca inspira confiança	68
O produto tem garantias ecológicas	64
O produto é fabricado na minha região	59
O fabricante do produto defende causas humanitárias	51
O produto é fabricado na Europa	49

Fonte: Igia. *O Agribusiness Europeu.*

Os cinco países do Sul, de cultura mediterrânea, têm predominância marcante nesse mercado, e a razão é cultural: os produtos alimentares são ligados a processos artesanais de fabricação e sua qualidade está ligada a atributos gustativos de ordem subjetiva.

Área mundial já atinge 600 mil hectares

Europa — evolução da área plantada no sistema orgânico — 1985-93



Fonte: Lampkin, 1994.

O preço é o de menos

Europa — os principais atributos dos produtos alimentícios — em %

Atributos	Países do Norte	Países do Sul
Natural	46,6	73,1
Saudável	73,1	48,6
Nutritivo	26,7	35.0
Barato	9,1	4,7
Sem substâncias tóxicas	64,8	57,6
Vitaminas e sais minerais	38,9	28,1

Fonte: Wageningen Agricultural University.

Os países do Norte europeu são caracterizados por uma grande concentração da indústria agroalimentar, e a concepção de qualidade está voltada para critérios objetivos tecnicamente mensuráveis. Como conseqüência, nos países setentrionais proliferam as marcas coletivas e o mercado de alimentos é mais padronizado, enquanto no Sul as denominações de origem, as indicações de procedência e uma grande variedade de certificados de qualidade são utilizados pelos agentes do agribusiness para valorizar seus produtos.

Franceses atentos às etiquetas

França — leitura de etiquetas sobre a composição de produtos alimentares

Ação	Percentual
Não, jamais	0,6
Não, raramente	16,0
Sim, de tempos em tempos	37,0
Sim, freqüentemente	30,0
Sistematicamente	11,0
Total dos que lêem	78,0

Fonte: Igia.

Um movimento mundial para a auto-regulamentação da produção orgânica foi iniciado pela Ifoam. Também a FAO respondeu ao crescimento do setor, propondo padrões internacionais comuns através do Codex Alimentarius, processo ainda em andamento.

Nos EUA, duas importantes políticas de governo recentemente tiveram um grande impacto na economia da agricultura orgânica no país. Em primeiro lugar, em 1988 o USDA estabeleceu um programa de pesquisa e educação nos chamados sistemas *low-input* de produção. Esses programas receberam fundos contínuos a cada ano, desde então. A importância dessa política se fez sentir por duas vias: o incremento do apoio federal ajudou a legitimar a agricultura orgânica naquele país, colocando-a na linha principal da pesquisa agrícola. Até recentemente, a agricultura orgânica era encarada pela comunidade científica como um sistema indigno de estudos sérios; hoje ela é um objeto principal de estudos acadêmicos em muitas regiões. Em 1990, foi introduzida a legislação definindo o alimento orgânico e estabelecido um programa federal de certificação, o National Organic Standards Board (Nosb), que propõe padrões para o cultivo orgânico no país. Apenas para se ter uma idéia do dinamismo desse movimento, na Califórnia, o total de vendas no atacado cresceu de US$1 milhão em 1977 para aproximadamente US$50 milhões em 1987. O maior distribuidor de alimentos orgânicos na costa Leste movimentou cerca de US$22 milhões em vendas, em 1988, segundo o Economics Research Service (ERS), do USDA. Ainda segundo esse departamento, estima-se que os EUA movimentam cerca de US$1 bilhão anuais com alimentos orgânicos, menos que 1% das vendas totais de alimentos no país.

Recentemente, grupos de ambientalistas europeus articularam uma campanha contra a utilização de dois novos produtos obtidos a partir da engenharia genética: a soja modificada pela Monsanto Co. para ser resistente ao herbicida *glyphosate*, produzido pela própria Monsanto, e o milho lançado pela Ciba-Geigy projetado para ser resistente à broca do milho. Supondo que o consumidor final não aceite de fato esses novos produtos, toda uma estrutura de pesquisa poderá no futuro ser impiedosamente desmontada.

No caso específico dos produtos orgânicos, os principais certificados na Europa são:

• Na França, o certificado de Agriculture Biologique (AB). A França foi o primeiro país europeu a introduzir um certificado oficial para a agricultura biológica. A denominação é atribuída a produtos agrícolas transformados ou não, fabricados sem produtos químicos e que seguem modos particulares de produção. Cerca de 90 mil hectares, ou 0,2% das terras agricultáveis na França, são cultivados com princípios da agricultura biológica. A atividade reúne 3.700 produtores rurais sob controle oficial, 380 empresas de transformação e 400 distribuidores, gerando um faturamento anual da ordem de US$400 milhões. A referência à agricultura biológica é materializada pela utilização do logotipo oficial, concedido pelo Ministério da Agricultura. Segundo pesquisa de mercado realizada pela Cerqua, 16% dos franceses consomem regularmente produtos livres de agrotóxicos: frutas, legumes, carnes, produtos lácteos etc.

• A Grã-Bretanha sucedeu a França na certificação oficial orgânica, que se denomina United Kingdom Register of Organic Food Standards (Ufrofs).

• A Alemanha é um dos principais países do mundo em número de produtores orgânicos, com mais de 5% da área agrícola manejada organicamente em alguns de seus estados. É também um dos mais importantes mercados para produtos orgânicos, incluindo importações. Entretanto, o estabelecimento de um sistema de certificação foi prejudicado pela grande competição entre sete grandes *trade-marks* de produtos orgânicos no país.

Desde 1º de janeiro de 1993 há uma regulamentação na União Européia para a produção orgânica no nível do mercado comum, mas produtos de origem animal não estão incluídos, já que exigem um período mínimo de conversão de dois anos. Cada país europeu instituiu o Designated Inspection Authority (DIA), que irá implementar padrões de produção sozinho ou em conjunto com os organismos certificadores nacionais.

Tudo isso parece evidenciar uma tendência inexorável do consumo em todo o mundo para os produtos considerados saudáveis. Cada vez mais as noções de alimento e saúde estão sendo associadas, numa relação do tipo causa e efeito. É mesmo possível prever uma tendência a que os alimentos venham a ser classificados como *bons* e *maus*. Cada vez mais é o consumidor quem dá as cartas no jogo das relações intersetoriais do agribusiness.

A experiência brasileira: supermercados se animam com a diferenciação

O *marketing* diferenciado já é uma realidade nas políticas mercadológicas das empresas agroalimentares no Brasil. Embora a agricultura orgânica no país esteja ainda bastante restrita a determinados nichos regionais — segundo o Instituto Biodinâmico de Botucatu, existem cerca de 500 produtores brasileiros certificáveis —, nos últimos anos ela vem tomando impulso e atraindo o interesse de grandes redes de supermercados, notadamente em São Paulo. Estes querem justamente fornecer a seus clientes um produto diferenciado e saudável, conquistando clientes em pontos nobres do varejo. O empresariado está atento ao que chega a considerar um *filão*. No início de 1996, chegou-se a noticiar um *boom* do mercado orgânico, repetindo o que vem ocorrendo no mundo todo.

As experiências dos supermercados têm-se concentrado em São Paulo. Pão de Açúcar, Paes Mendonça, Carrefour, Sé, Eldorado e Madri, entre outros, entraram nesse segmento. Em alguns, as experiências não lograram êxito, segundo gerentes de *marketing* daqueles estabelecimentos, por três fatores cruciais: baixa durabilidade, aspecto ruim (produtos menores, manchados, com insetos) e preços sobrevalorizados em relação aos dos produtos convencionais. A alegação de que os produtos hortigranjeiros, que já são extremamente perecíveis, ficam ainda menos duráveis sem os agrotóxicos deve ser considerada com cuidado. O argumento só seria verdadeiro para os agrotóxicos usados na fase pós-colheita, o que não é muito comum nas vendas para o mercado interno.

Uma outra fonte informou que, além destes entraves, é fundamental entrar com um *marketing* pesado nesse tipo de iniciativa. As experiências mais promissoras no momento são conduzidas pelos supermercados Pão de Açúcar e Paes Mendonça.

De acordo com o grupo Paes Mendonça, este é um bom negócio para o supermercado. Os produtos são cerca de 30% mais caros do que os convencionais, o que não inibe as vendas. O público não está tão preocupado com o preço, exige qualidade. A banca batizada horta sem agrotóxicos já está vazia no início da tarde. Esses produtos são responsáveis por cerca de 8% do total comercializado semanalmente (35t), representando 5% do faturamento. A expectativa é tão positiva que esse supermercado poderia absorver mais 50% do que é vendido atualmente ali.

Leite verde e dendê ecológico

Em matéria de produtos orgânicos, há inúmeras outras experiências interessantes no Brasil:

• Dendê ecológico — óleo de palma orgânico, cultivado sem adubo químico, que alcança cotações 30% maiores no mercado internacional. Projeto do Banco Real, que cultiva 12 mil hectares de dendê no município de Tailândia, Pará. Destes, cerca de 3 mil hectares são reservados para o plantio de dendê sem agrotóxicos ou inseticidas. No mercado internacional, o produto é diferenciado e alcança preços 30 a 40% acima do produto convencional. A produção orgânica é certificada pelo selo verde, concedido pelo Instituto Biodinâmico de Desenvolvimento Rural de Botucatu. Segundo a empresa, o selo permite a atuação em mercados fechados e exigentes como Alemanha, Suíça e Holanda.

• Produção leiteira — Projeto Leite Verde, em Minas Gerais e no Distrito Federal, levado a efeito em fazendas que adotam a homeopatia e a fitoterapia para controlar as moléstias do gado. A alimentação animal é obtida por agricultura orgânica (a vacinação é normal). Os laticínios entram nessa cadeia produzindo derivados orgânicos.

• Projeto Cana Verde — projeto audacioso, em São Paulo, que tenta converter plantações de cana-de-açúcar ao método orgânico de produção. Note-se que a lavoura da cana é duramente atacada pelos ecologistas, devido aos danos ao meio ambiente.

• Café orgânico — em Minas Gerais, um grupo de produtores busca reconstituir a complexidade natural destruída pela monocultura, através de incoporação de matéria orgânica e outras práticas culturais afins. O pioneiro na produção orgânica de café no Brasil decidiu optar por esse sistema, ao constatar que na Europa os consumidores estariam rejeitando o produto brasileiro devido ao uso abusivo de produtos químicos na lavoura. Por sua vez, a indústria européia fazia questão de expor na embalagem a origem colombiana do café, diferenciando o produto em função da maior segurança quanto ao uso de pesticidas.

As principais instituições envolvidas na produção orgânica no Brasil são, entre outras: em São Paulo, a Associação de Agricultura Orgânica (AAO); em Porto Alegre, a Cooperativa Colméia; em Curitiba, o Instituto Verde Vida, da Associação de Produtores Orgânicos; no Rio de Janeiro, a Associação dos Produtores Biológicos do Rio de Janeiro (Abio).

Com relação à certificação, o Instituto Biodinâmico de Botucatu é o único que dá uma certificação geral válida em todo o Brasil, para os produtores que assim o solicitarem. A AAO também tem um selo de certificação, usado entretanto exclusivamente para os produtores vinculados à organização e que entregam seus produtos na Feira do Parque da Água Branca, em São Paulo. Segundo o Instituto Biodinâmico, as feiras orgânicas movimentam no Brasil cerca de R$1 milhão/ano.